

# Expressões da sexualidade: estudo a partir da construção da masculinidade em estudantes do ensino médio

Rinaldo CORRER<sup>1</sup>

Ana Paula Vianna de SOUZA<sup>2</sup>

## Introdução

A saúde do adolescente tem sido amplamente discutida nas últimas décadas. As atuais propostas de intervenção, dirigidas à população jovem, estão produzidas a partir de uma perspectiva prescritiva e normativa, o que limita de maneira significativa o seu alcance (SASAKI, et al., 2014; SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015; ROMÃO; VITALLE, 2014). Recentemente, as políticas mundiais de saúde têm direcionado os estudos para as questões referentes à sexualidade e à masculinidade, para que se possa conhecer melhor o que afeta o bem-estar integral da população masculina nas diferentes etapas da vida. (SANCHEZ; FOKKER; MONROY, 2009). Caracterizada por intenso crescimento e desenvolvimento, a adolescência se manifesta por transformações multidimensionais e policausais (CORRER et al., 2013), cruciais para a formação de hábitos, atitudes e opiniões sobre diversos assuntos. As questões envolvendo gênero e sexualidade representam uma centralidade temática revestida de interesse e importância. Conforme Santos e Dinis (2013), o adolescer é uma

<sup>1</sup> USC - Universidade do Sagrado Coração. Centro de Ciências Humanas. Bauru – SP – Brasil. 17044-160 - correr.rinaldo@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia. USC - Universidade do Sagrado Coração. Centro de Ciências Humanas. Bauru – SP – Brasil. 17044-160 – apvs.psicologo@gmail.com

afirmação simbólica circunscrita historicamente. Contudo, o discurso científico tem contribuído para que esse período seja tomado como *objeto natural* e usado como ponto de partida para uma ideia extemporânea e a-histórica. Dessa forma, tal fase tem sido datada, demarcada como “natural”, envolta por complexidades e marcada por enfrentamentos. Nossa premissa está em concordância com a crítica pontuada por esses autores. Fundamentamos nosso estudo no conceito de que adolescência é uma construção histórica e social (SANTOS; DINIS, 2013). Nessa configuração, o adolescente está imerso, no cotidiano, nas questões de gênero e sexualidade, circunscritas em processos culturais e ideológicos de manutenção do *status quo*.

Ao longo da história, o modelo de masculino foi considerado como expressão da perfeição, estabelecendo o domínio entre o superior e o inferior entre os gêneros (LAQUEUR, 2001). A forma de se vestir, a entonação de voz, o vigor físico, a musculatura, a agilidade e a coragem seriam componentes fundamentais para assegurar a integridade e o valor do sujeito másculo. A identidade de gênero e sexual estariam ligadas à maneira como o papel masculino era representado em suas relações sociais.

Em 1996, a lei de diretrizes e base da Educação Nacional determinou que as instituições de ensino tivessem, dentre suas funções, abordar a orientação sexual como um tema transversal no ensino fundamental e médio. Nesse contexto, a escola tem sido tema dos debates acerca dos processos educacionais e das formas de implementação de uma educação sexual (FIORINI; DÁTILO, 2015; MAIA, 2012; RIBEIRO; BEDIN, 2010).

Tendo em vista que o modo pelo qual os adolescentes atribuem significado às experiências influencia diretamente sua ação e comportamento, este artigo tem como objetivo descrever e explorar tais experiências. Estimamos que os resultados deste estudo possam contribuir para o planejamento de estratégias metodológicas nas escolas de ensino médio que visem à promoção de saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes, como dimensão essencial para a garantia dos direitos a uma vida com qualidade.

## Método

Neste estudo, de natureza qualitativa (MINAYO, 2007), a delimitação do foco realizou-se a partir da perspectiva do adolescente e das consequências de suas representações para as práticas da sexualidade masculina, assim como as implicações para a sua saúde sexual. O método utilizado foi definido pelos procedimentos: - **Fase 1:** em um grupo de 67 estudantes (ambos os sexos; entre 14 e 17 anos), matriculados no Ensino Médio (escola pública) em município do estado de São Paulo, foram apresentados pequenos recortes do filme “Tróia” com duração de 5 minutos. Conforme trabalho semelhante, realizado por Santos e

Dinis (2013) e adaptado para este estudo, o recorte refere-se aos trechos das lutas entre as duplas *Menelaus* e *Paris* e *Aquiles* e *Hector*, em que, após ter levado a mulher de *Menelaus* para Tróia, Hector, para não presenciar a morte de seu irmão ao perder o duelo, opta por matar *Menelaus*. Em outra cena, o herói da Grécia *Aquiles* mata *Hector* diante da realza de Tróia, de seu exército e também de todos os soldados gregos. Na sequência, foi realizada uma discussão (masculinidades e expressões de sexualidade) e aplicação de questionário (alternativas: sim ou não) com perguntas sobre: a) *o que os homens podem ou não fazer*; b) *sentimentos e atitudes* em situações decorrentes de *julgamentos e cobranças* sobre ter ou não posturas mais masculinas; c) vivências de exclusão ou inclusão em grupos de convivência na escola; d) pressuposições sobre gênero e sexualidade. - **Fase 2:** foram selecionados 23 alunos, que tiveram maior número de respostas afirmativas no questionário; - **Fase 3:** entrevista semiestruturada por meio de *chat* no software *Skype*.

Na sala de informática da escola, o acesso *on-line* ocorreu após receberem nome de usuário e senha (as identidades foram mantidas anônimas). Essa estratégia metodológica, por se parecer mais com *conversas* entre iguais, favoreceu a participação e a flexibilidade dos envolvidos, permitindo, dessa maneira, a manifestação espontânea das experiências subjetivas (MANN; STEWART, 2000).

A Técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1991) orientou a desconstrução de estruturas e elementos de conteúdo para estabelecer as principais características e extrair sua significação. A abordagem das Representações Sociais foi utilizada como teoria de base analítica para que, as informações fossem delimitadas pela compreensão de seu contexto de surgimento, como uma modalidade de conhecimento prático, que é produzida a partir de construções sociais compartilhadas (SPINK, 1993).

Obedecendo aos critérios éticos da pesquisa científica, a unidade escolar, assim como os pais dos adolescentes, assinaram autorização para a participação. Ademais, o projeto foi submetido à apreciação e aprovação (CEP/CONEP - PROCESSO 757.426) de acordo com a resolução 196/96 (BRASIL, 1996).

## Resultados e discussão

Os dados obtidos resultam dos significados das masculinidades para os estudantes do ensino médio no que se refere às maneiras pelas quais as manifestações da sexualidade são expressas. Dessa maneira, a configuração das articulações, entre masculinidade e sexualidade, circunscrevem comportamentos possíveis deste universo representativo (estudantes de escolas públicas), além de evidenciar os sentidos e significados que são determinantes na história de vida escolar de cada um dos participantes.

Na primeira síntese analítica, foram identificadas 7 categorias (comportamento, corpo, gênero, papéis de gênero, relacionamentos, saúde e sexualidade) diretamente ligadas à estrutura de condução (questões norteadoras) da entrevista. Na segunda síntese, as categorias foram reagrupadas em três estruturas de representações (papéis de gênero, saúde-corpo-sexualidade e relacionamento), tal qual observamos no contexto de surgimento, sendo organizadas a partir da abordagem teórica das Representações Sociais, especificamente apoiadas nos dispositivos conceituais de ancoragem e objetivação (MADEIRA, 2006), que passaram a qualificar as subcategorias encontradas.

### **Papéis de gênero**

Os elementos de ancoragem das expressões emitidas (quadro1) estão alinhados aos achados que endossam, na teoria de gênero em especial, o conceito de masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013), no qual a superioridade masculina resultaria da sua natureza biológica e de como essa função se enquadra no processo da organização social, como encontramos no discurso de um participante masculino - *porque mulher não produz espermatozoide*. Essa natureza, qualitativamente diferenciada, ~~se~~ manifesta-se em forma de atributos como, mais poder; maior liberdade sexual; mais força física. Ter várias parceiras, neste princípio, não tem o mesmo julgamento social recebido pela mulher. Na semântica utilizada, a posição privilegiada masculina é apresentada pelos termos *pegador, catador e o tal*. Enquanto este seria um impulso natural do homem, para a mulher, comportar-se dessa mesma forma é ser *biscate*, palavra com significado oposto a seu sentido denotativo de serviço de pequena monta, extra, ao qual foi agregado o insulto relativo aos serviços sexuais. Neste universo de representação, a mulher se torna transgressora das regras morais. Quando o assunto é trabalho, o homem é identificado como aquele que faz maior esforço, enquanto a mulher é caracterizada como quem leva uma vida fácil (comodidade da dependência), porque os afazeres domésticos não são considerados trabalho, mas um dever, como se o cuidados da casa fossem inerentes à mulher. No exercício da virilidade, o ser masculino deveria desenvolver (ou teria naturalmente) a insensibilidade (*homem não é muito sensível*), sendo depositário, na sua identidade de gênero, de atributos que contêm a superioridade física e moral. A mulher, por sua vez, seria a portadora da sensibilidade, que a caracteriza e que, por sua vez, está faltante no homem (as mulheres são mais sensíveis).

**Quadro 1** - Análise descritiva da categoria papel de gênero a partir dos dispositivos conceituais, ancoragem e objetivação para a discussão dos atributos da Representação Social da masculinidade.

ANCORAGEM		OBJETIVAÇÃO	EVIDÊNCIA DISCURSIVA	
			Feminino	Masculino
1	Superioridade	Poder	-	<p><i>“porque mulher não produz espermatozoides” (1C-M3)</i></p> <p><i>“a gente só broca e não é brocado”. (2C-M2)</i></p> <p><i>Brocar é a mesma coisa que fazer um filho”. (M2)</i></p>
2	Liberdade	Sexual	<p><i>“biscate (se refere a Mulher). (1C-F1)</i></p> <p><i>“e os homens catador”. (F1)</i></p> <p><i>“pega quem quiser sem ninguém ficá falando”. (2C-F1)</i></p>	<p><i>“pois a mulher fica falada (que tem vários relacionamentos)”. (1C-M2)</i></p> <p><i>“sim, pois a sociedade q fez isso”. (M2)</i></p> <p><i>“hoje só existe meninos quer saber de curtir, pegar todas, se divertir com as erradas e as certas eles jogam fora, não dá valor como ela merece”. (1C-M5)</i></p> <p><i>“pode ficar com várias meninas que não vai ficar mal falado; já elas ficam” (2C-M1)</i></p>
3	Atribuições	Psicológica	<p><i>“eles não amam menos mais são mais difíceis de se apegar”. (1C-F2)</i></p>	<p><i>“eu acho que a mulher é mais sentimental do que o homem”. (1C-M4)</i></p>
4	Julgamento	Social	<p><i>“leva fama de biscate (Se refere a mulher com vários parceiros)”. (1C-F4)</i></p> <p><i>“Não só nas questões físicas, por exemplo, eles podem ficar com varias meninas que ainda sai com fama de pegador”. (1C-F3)</i></p>	-

**Fonte:** Elaboração própria.

Estas concepções servem de suporte para as práticas sociais e acentuam, enfatizam e justificam o poder masculino sobre as mulheres. O ajuizamento sobre a conduta realizada por cada gênero é diferenciado e o vocabulário reproduzido marca a ação masculina como algo a ser valorizado socialmente. Os homens são

socializados para perseguir, penetrar e dominar, enquanto as mulheres devem se manter no âmbito privado, socializadas para serem passivas e parceiras sexuais receptivas. Assim, o papel do homem é revestido, no discurso dos participantes, de representações de que o cotidiano seria mais difícil, na esfera do esforço físico e da resolução de problemas. O que seria vantajoso no âmbito social, posto que é dada a ele a liberdade sexual sem julgamentos. Em contrapartida, exerce uma grande pressão para o cumprimento de seu papel de macho e assegurar sua integridade. Ante a esta constatação, a naturalização das diferenças como algo dado, imutável, é reducionista e desumaniza não só o outro, mas a também a si próprio (SILVEIRA, 2010).

Em razão da crença de que o homem faz maiores esforços físicos e, portanto, é o principal provedor, ele assumiria a posição de liderança. No caso dos adolescentes, apesar de ainda não exercerem o papel de *chefes de família*, já usufruem dessa liberdade, visto que o futuro deles como provedor está traçado, devido a seu gênero e ao papel esperado que o homem exerça (SANTANA; BENEVENTO, 2013).

### **Saúde-corpo-sexualidade**

Apesar das manifestações dos participantes (feminino e masculino) sobre o fato de que a masculinidade não é julgada pelo critério da aparência, o ser atraente se mostra diferenciado na interpretação dos componentes estéticos. Enquanto a perspectiva masculina aponta para características físicas (*sarado, bombado*), morais (*caráter e responsabilidade*) e envolvimento emocional; a visão feminina fecha o foco nos atributos físicos, passando pelas condições materiais e financeiras. Com base nas respostas, não há um conceito vigente de como deve ser o padrão físico de um homem considerado viril. Os magros e os sarados são mencionados como diferentes, apenas em razão da preferência física do possível parceiro. Para alguns, o *corpo sarado e bombado* seria tomado como indício de disfunção erétil, por estar associado ao uso de compostos químicos (que toma bomba - anabolizantes) para ficar mais forte, enquanto para outros, seria um atrativo a ser ponderado na escolha do parceiro. Outros, ainda, admitem ver encantos em outros portes físicos. No contexto dessas representações, o que torna o homem desejável remete à ideologia tradicional do homem como provedor, aquele que possui condições materiais, físicas e mentais de manter sua família. No passado, para a identidade masculina, o porte físico representava essa capacidade devido ao trabalho braçal ser a própria expressão da virilidade masculina. No mundo contemporâneo, essa imagem está atrelada a posse material e se afirmaria pela capacidade de manter e prover a si e aos seus. Esse universo representacional configura um sistema mantenedor de poder do masculino sobre o feminino. Nessa organização dos papéis, a liderança e a

proatividade são atributos masculinos. A mulher, por sua vez, ocuparia uma posição subordinada, dependente.

**Quadro 2** – Análise descritiva da categoria saúde-corpo-sexualidade a partir dos dispositivos conceituais, ancoragem e objetivação para a discussão dos atributos da Representação Social da masculinidade.

ANCORAGEM	OBJETIVAÇÃO	EVIDÊNCIA DISCURSIVA	
		FEMININO	MASCULINO
1	Aparência	Contradição <i>“eu vejo a aparência e o caráter” (2C-F2)</i>	<i>“olho o caráter a responsabilidade e se ele é realmente, sabe... dá valor na mulher de verdade porque tem muitos homens que tem o corpo sarado mais não vale porra nenhuma (1C-M5)</i>
		Coerência <i>“eles chamam mais atenção por serem sarados, e a maioria das garotas gostam de homem mais sarados, mais as vezes não” (F3)</i>	-
2	Atração	Sentimental <i>“até porque, mulher sofre mais do que homem, geralmente sim (risos) mais tem uns e outros que são “Sarados” que pelo amor de Deus!” (F2)</i>	<i>“lógico que não, mais meninos com corpo mais sarados, chamam a atenção por causa de seu corpo; já os raquíticos não, eles chamam a atenção por ser fofo”. (3C-F1)</i>
		Física <i>“não vou ficar com um menino que eu não gosto! não sou de iludir!” (1C-F1) “o cabelo, o rosto o sorriso... a roupa é tudo, a pele também (risos)” (2-C-F3)</i>	<i>“sou fofo em questão de ser gordo” (M2)</i>
3	Desempenho	Indesejável	- <i>“Os que são sarados tomam bomba e depois na hora da cama o bilau não levanta” (M2)</i>
4	Cuidado	Descuido	- <i>“Tem que ostentar nas vodcas, e chegar no camarote e falar traz as bebidas que pisca” (2C-M2)</i>

ANCORAGEM	OBJETIVAÇÃO	EVIDÊNCIA DISCURSIVA	
		FEMININO	MASCULINO
	Gravidez	<i>“Mulher com certeza frequenta mais que os homens”. (2C-F1)</i>	-
5	Prevenção	<i>“os dois deve tomar cuidado, os 2 arruma filho, pega doença!” (1C-F1)</i> <i>“os dois tem que se prevenir, assim, nenhum pega doença do outro”. (1C-F4)</i> <i>“mas tem homem que não concorda”. (F4)</i>	<i>“Ele pega qualquer uma ai na hora de por o jhow ele escolhe pra ver se ela não é roda. Rodada”. (2C-M2)</i> <i>“O Homem não tá nem aí porque ele não vai ter que carregar uma criança na barriga durante 9 meses, a mulher assume a total responsabilidade”. (M2)</i> <i>“os dois serão culpados por não se prevenir, mais os homens que sai com varias tem fama de pegador... ele tem que ter a responsabilidade de se prevenir para não oferecer riscos a sua parceira”. (F1)</i>

**Fonte:** Elaboração própria.

Essa condição capturada nas representações dos participantes sustenta a manutenção dos mecanismos de exclusão da mulher dos espaços públicos e, consequentemente, do acesso ao mundo trabalho, que poderia assegurar-lhe meios para galgar mais liberdade e independência (ARAÚJO; SCALON, 2007).

Na trilha da naturalização das manifestações de gênero, o descuido masculino com a saúde, ao ser comparado à mulher, é referido pelos estudantes como normal, pelas afirmações de que a frequência do homem no atendimento médico é muito menor do que a das mulheres. De acordo com os adolescentes, a mulher precisa de maior atenção médica, ou seja, por sua condição corporal e funcional que a vincula à gravidez e aos cuidados com o filho. A justificativa seria a discrepância dos componentes anatômicos (questões ginecológicas e reprodutivas) pertinentes à mulher e não ao homem. Não se percebe, nesses discursos, argumentos que legitimem as proposições. A procura masculina pelo atendimento médico somente ocorre quando há constatação de um problema físico. A prevenção parece se tratar muito mais de um arranjo improvisado, no qual a escolha da parceira sexual é acatada como pratica preventiva, decisão essa que, consequentemente, irá perpassar pelo grupo de amigos que irão informar a reputação da garota. Assim, a responsabilidade por garantir que não



irá contrair uma doença sexualmente transmissível, passa pela avaliação moral dos comportamentos femininos. O imaginário dos participantes revela uma tendência à sexualidade mais promíscua para o homem. A constante troca de parceiras na atividade sexual masculina, nesta configuração, apontaria como fator de maior risco. Em tese, uma combinação arriscada: sua baixa frequência no atendimento médico e sua intensa vida sexual. Do adolescente-homem se esperaria a ação viril e incisiva junto às mulheres, como forma de comprovação de seu valor. O masculino está ligado à virilidade e esta, por sua vez, seria a expressão natural de força e saúde. Nessa criação do *homem super*, o atendimento médico é conduta que expõe ao risco a força viril masculina, escancarando a fraqueza ao submeter-se aos cuidados médicos (SILVA et. al., 2013). No caso do uso do preservativo, ambos são considerados responsáveis por levar a camisinha, mas a mulher é sinalizada como a que mais deve se preocupar, pois sofre diretamente as consequências de uma gravidez não planejada. A diferente função, exercida por cada gênero no ato sexual, transmite uma conotação de superioridade masculina (*o fecundador do óvulo feminino*). O corpo reproduz, de maneira simbólica, a construção e manutenção dos discursos de desigualdade de gênero, sendo que a mulher, assim como o óvulo, é associada à passividade, aquela que está a espera daquele que a complete. Esse discurso impõe à mulher a representação que a desqualifica enquanto pessoa e a subordina a uma matriz biológica e procriadora (FERNANDES, 2009).

## Relacionamento

Ter muitas parceiras, em razão do reconhecimento entre os pares, melhoram as relações sociais, aproximando os amigos. Essas condutas conferem ao adolescente um *status* mais elevado no grupo, como prova de virilidade, comprovação de que é ativo com plena capacidade sexual. Os participantes reconhecem que ser atraente passa pela incorporação desses atributos, os quais são admitidos e reforçados socialmente, propagando-se entre os adolescentes como forma de alcançar popularidade. O reconhecimento masculino, de que tal atitude evidencia um discurso feminino que o desaprova, ou seja, elas consideram imaturidade e insensibilidade, não tem efeito na produção de discussões acerca da pertinência ou não dos comportamentos.

Podemos, então, verificar que a noção de virilidade é construída e ratificada nas interações sociais. Ser homem implica, em primeiro lugar, possuir um *habitus viril*, ser forte, ativo. O ser mulher implica um *habitus* feminino, ou seja: frágil, emotiva, submissa (FRANCISCO, 2014).

As relações de amizade entre homens são descritas como algo comum e habitual do cotidiano masculino. O amigo é descrito como um igual, por vivenciar as mesmas experiências.

**Quadro 3** – Análise descritiva da categoria relacionamento a partir dos dispositivos conceituais, ancoragem e objetivação para a discussão dos atributos da Representação Social da masculinidade.

ANCORAGEM OBJETIVAÇÃO		EVIDÊNCIA DISCURSIVA	
		FEMININO	MASCULINO
1	Identidade	Afirmação	<p>“ele será o <i>fodão</i>” (2C-F1)  <i>“O pegador”</i> (F1)</p> <p>“<i>que ele é pegador</i>” (2C-M4)  <i>“pegar na rua em que você mora e pegar as da escola”</i> (M4)</p>
	Conduta	Alinhamento	<p>-</p> <p>“<i>Que o mano vai ser pica, porque na consciência das meninas ele já vai ter pegado varias e ela será mais uma</i>” (2C-M2)</p>
	Expectativa	Sujeição	<p>-</p> <p>“<i>a pessoa vai achar que você tem doença</i>” (2C-M2)</p>
		Valor divergente	<p>-</p> <p>“<i>pelos amigos sim já com as mulheres ficam como galinha</i>” (2C-M1)</p>
	Julgamento	Valor convergente	<p>“<i>dai os amigos se aproxima mais</i>” (2C-M5)  “<i>o cara do momento top..</i>” (M5)  “<i>pelos meninos será bem visto sim, hoje em dia é assim, menino para provar que é homem tem que ficar com as meninas, sendo que eu acho até ridículo pois existe varias maneiras de mostrar que é um homem</i>” (3C-M2)</p>
	Valor	Opressor	<p>“<i>Tipo. Homem ele nem liga sabe, a maioria só quer iludir já a mulher não. Ela é mais assim. Madura, tem uma cabeça a mais. Só que em algumas coisa caímos na teia deles... é tipo isso</i>” (3C-F2)</p> <p>-</p>
	Ato sexual	Genitalidade	<p>-</p> <p>“<i>o homem insere o pênis na vagina para ejacular no óvulo dela</i>”. (1C-M3)</p>
	Amizade	Empatia	<p>-</p> <p>“<i>pois homem entende homem (sobre serem amigos)</i>” (M2)</p>

**Fonte:** Elaboração própria.

Mas, velada por essa aparente naturalidade, as amizades masculinas são subordinadas a limites pré-estabelecidos que possuem a função de assegurar que o relacionamento se trata apenas de amizade. Existe uma preocupação contínua em não despertar a suspeita da homossexualidade. E um dos meios de obter essa garantia é a rejeição da aproximação física. A mulher é retratada como a responsável pelas funções principais no relacionamento, portanto não é esperado dela a atitude transgressora que exponha a relação, ao contrário, a ela compete preservar a relação.

## **Considerações**

No contexto atual, diante do novo corpo que está sendo idealizado, o universo midiático potencializa as preocupações com a aparência ideal e comportamentos sociais e sexuais atribuídos a cada sexo (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; SILVA, 2000; BRÊTAS et al., 2011). As relações de poder, nesse processo de significação, implicam forte contribuição na formação do pensamento e comportamento sexual do adolescente. Embora algumas reflexões apresentem indicadores de uma nova masculinidade, alguns autores constataam que as bases estereotipadas das diferenças de gênero ainda representam importante suporte para os comportamentos humanos (MARQUES JUNIOR; NASCIMENTO, 2012; BRÊTAS et al., 2011; SILVA, 2000; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Espera-se que a menina tradicionalmente seja preparada para o matrimônio e reprodução, tendo a virgindade como virtude. Porém, em oposição, na construção social masculina, espera-se que o menino tenha experiência sexual e apresente vergonha da virgindade. Assim, seguir o padrões normativos da masculinidade tem levado adolescentes a iniciar a vida sexual cada vez mais cedo e, com consequências diversas para a saúde, especialmente no que se refere à falta da proteção na primeira relação sexual (REBELLO; GOMES, 2009), dentre outros comportamentos que podem ser considerados fatores de risco entre os adolescentes e associados à masculinidade: a) o desempenho durante a relação pode ser ameaçado se houver interrupção para o uso do preservativo, comprometendo sua masculinidade; b) os impulsos sexuais masculinos são incompatíveis com planejamento ou controle previstos na contracepção; c) o coito interrompido como forma de prevenção; d) a masculinidade é mensurada, de acordo com a quantidade de atividades sexuais com diferentes parceiras; e) virilidade é associada a “impetuosidade”, portanto, a ideia de que é natural o homem correr riscos, pois seu desejo sexual é “incontrolável”; f) homens másculos não recusam um convite de mulher para uma relação sexual (BRÊTAS et al., 2011; MARQUES- JUNIOR; NASCIMENTO, 2012; ALVES; BRANDÃO, 2009; REBELLO; GOMES, 2009).

Os estudos demonstram que a medida de escolha do uso ou não de prevenção, sofre a influência da construção dos significados que envolvem um processo dialético entre historicidade, cultura e meio social em que o adolescente está inserido. Pressupomos que prevalece um ganho subjetivo (real ou imaginário) e social (*status*) na aceitação e reprodução desse comportamento tanto em relação a si mesmo, quanto em relação a sua parceira e ao seu meio social (REBELLO; GOMES, 2009). Dessa forma, acreditamos que se faz indispensável que o adolescente seja compreendido em seu contexto de convivência, sobretudo no que se diz respeito à configuração de valores dos grupos culturais nos quais se constituem como sujeito. Os fatores explicitados afirmam a vulnerabilidade dos jovens, e que esta se dá em diversas áreas, não apenas na escolha de não utilizar o preservativo, assim como o conceito da masculinidade nessas escolhas e resistências (SENEM, 2014).

A pesquisa científica surge aqui, como uma possibilidade de articular os conhecimentos oferecidos pela ciência psicológica às demandas sociais, uma vez que os dados acerca da Saúde do Adolescente apontam para a necessidade de atenção adequada no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). De um modo geral, verifica-se que as ações realizadas na atenção básica voltam-se para a distribuição esporádica de preservativos masculinos por unidades básicas de saúde. Uma análise preliminar nos permite afirmar que tal abordagem não considera com prioridade as questões que envolvem a saúde sexual e reprodutiva do adolescente. Faz-se necessário, por esta via, que a assistência à saúde dos jovens compreenda a realidade atual do sujeito em questão e as negociações de significados atribuídos a esse contexto. Assim, as pesquisas científicas podem ser uma fonte problematizadora dos dispositivos atuais em Saúde do adolescente, possibilitando a elaboração de políticas de saúde voltadas a esse grupo e que entendam seu dinamismo e heterogeneidade. Os principais resultados deste estudo nos permitem ver a presença de elementos hegemônicos que favorecem a construção de representações que vão regular a realidade dos adolescentes. Neste sentido, verificou-se que, na construção dessas masculinidades de adolescentes do sexo masculino, o papel bem representado frente aos colegas lhes dá vantagens e superioridade sobre os homens, mas não os tornam mais atrativos para as mulheres. Acreditamos que estas práticas devam ser analisadas com maior profundidade, para assim trazerem uma reflexão com o intuito de dar novos significados e melhor compreensão dos riscos a que os adolescentes estão expostos. Exemplo disso são os múltiplos parceiros e a forma como é decidido o uso da camisinha. Ambas as práticas estão permeadas pela construção da masculinidade do adolescente e representam, simultaneamente, risco para a saúde.

## Agradecimentos

À Universidade do Sagrado Coração (USC) que, por meio do Fundo de Amparo à Pesquisa (FAP/USC), viabilizou a realização deste estudo.

À direção, professores e estudantes da escola participante, que aceitou participar da pesquisa que originou este trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALVES, C. A.; BRANDÃO, E. R. Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 661-70, 2009.

ARAÚJO; C.; SCALON; M. C. (Org.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: 70, 1991.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.196/96, de 10 de outubro de 1996. Estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial [do] Brasil**, Brasília, 16 out. 1996.

BRÊTAS, J. R. da S. et al. de. Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.16, n.7, p.3222-3225, 2011.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-82, 2013.

CORRER, R. et al. Avaliação do cotidiano e enfrentamento de adolescentes com diabetes mellitus. **Salusvita**, Bauru, v. 32, n. 3, p.243-63, 2013.

FERNANDES, M. das G. M. O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.19, n.4, p.1051-1065, 2009.

FIORINI, J. S.; DÁTILO, G. M. P. A. Sexualidade e escola: uma discussão necessária. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 10, n. 2, p.320-340, 2015.

FRANCISCO; R. de S. Tornando o invisível visível: um olhar panorâmico sobre a dominação masculina, machismo e a criação do “próprio” para mulheres. **Perspectivas Online: Hum. & Sociais Aplicadas**, Campos dos Goytacazes, v.11, n.4, p.25-36, 2014.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos Gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

MADEIRA, M. C. Os processos de objetivação e ancoragem nas representações sociais de escola. In: MENIN, M. S. S.; SHIMIZU, A. M. **Experiência e representação social: questões teóricas e metodológicas**. [São Paulo]: Casa do Psicólogo, 2005. p.201-210.

MAIA, A. C. B. et al. Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 1, p.151-156, mar. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722012000100017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000100017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 31 ago. 2015.

Expressões da sexualidade: estudo a partir da construção da masculinidade em estudantes do ensino médio

MANN, C.; STEWART, F. **Internet communication and qualitative research: a handbook for researching online**. London: SAGE, 2000.

MARQUES-JUNIOR, J. S.; GOMES, R.; NASCIMENTO, E. F. do. Masculinidade hegemônica, vulnerabilidade e prevenção ao HIV/AIDS. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 512-513, 2012.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

REBELLO, L. E. F. de S.; GOMES, R. **Iniciação sexual, masculinidade e saúde: narrativas de homens jovens universitários**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009.

RIBEIRO, P. R. M.; BEDIN, R. C. Algumas reflexões sobre a formação do pensamento sexual brasileiro a partir da historiografia da educação sexual. In: TEIXEIRA, F. et al. **Sexualidade e educação sexual: políticas educativas, investigação e práticas**. Portugal: CIEEd, 2010. p.97-102.

ROMÃO, S. M.; VITALLE, S. S. M. A sexualidade pelo olhar adolescente: uma contribuição para professores. **Revista Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 25-32, abr./jun. 2014.

SANTANA, V. C.; BENEVENTO, C. T. O conceito de gênero e suas representações sociais. **EFDeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, ano 17, n. 176, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd176/o-conceito-de-genero-e-suas-representacoes-sociais.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2015.

SFAIR, S. C.; BITTAR, M.; LOPES, E. R. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 620-32, 2015.

SASAKI, R. S. A. et al. Comportamento sexual de adolescentes escolares da cidade de Goiânia, Goiás. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 17, supl.1, p.172-182, 2014.

SÁNCHEZ, F. C.; FOKKER, B. K.; MONROY, L. A. A. La construcción de la masculinidade y sus expresiones em la sexualidad de los adolescentes. **Colecciones Educativas em Salud Pública**, [México], v. 8, p. 498-517, 2009.

SANTOS, W. B.; DINIS, N. F. Adolescência heteronormativa masculina: entre a construção “obrigatória” e desconstrução necessária. **OPSIS**, Catalão, v. 13, n. 2, p.129-149, 2013.

SENE, C. J. et al. Vulnerabilidade ao HIV em estudantes de ensino médio de uma escola pública no interior de São Paulo. **SALUSVITA**, Bauru, v. 33, n. 1, p. 45-55, 2014.

SILVA, S. G. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicologia: Ciência & Profissão**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 8-15, 2000.

SILVEIRA, M. C. A. de A. Gênero, educação e literatura. In: MACHADO, C. J. dos S.; SANTIAGO, I. M. F. L.; NUNES, M. L. da S. (Org.). **Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares**. 21.ed. Campina Grande: EDUEPEB, 2010. p.119-132.

SPINK, M. J. P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 95-106, 1993.

## Resumo

*Expressões da sexualidade: estudo a partir da construção da masculinidade em estudantes do ensino médio*

Analisou-se a maneira pela qual a construção da masculinidade se vincula às práticas sociais no exercício da sexualidade, por meio do discurso de estudantes adolescentes. Participaram 20 estudantes (idade: 14 e 17 anos), de escola pública (interior - São Paulo). Optou-se pelos procedimentos metodológicos: 1) encontro inicial para apresentação de pequenos recortes do filme “Tróia”, discussão sobre masculinidades (expressões de sexualidade) e questionário; 2) seleção dos alunos com maior número de respostas afirmativas (gênero) e tabulação dos dados (questionário); 3) entrevista não padronizada em ambiente *on-line*. Os dados obtidos foram submetidos à Análise de Conteúdo (Bardin). A base analítica das discussões apoiou-se na Teoria das Representações sociais e na revisão recente da literatura especializada. Nos resultados, foram identificadas as categorias: papéis de gênero; saúde-corpo-sexualidade e relacionamentos como expressões das representações sociais dos participantes do estudo, sendo estas relacionadas aos significados que permeiam as noções de masculinidades e dos impactos possíveis na vivência da sexualidade. Assim, este estudo considera que, após a realização das análises, tornou-se perceptível a necessidade de melhor encaminhar as políticas de atenção à educação sexual nas escolas, a partir do acolhimento das manifestações originadas no contexto das trajetórias de vida dos estudantes do ensino médio.

**Palavras-chave:** Masculinidade. Sexualidade. Adolescente. Gênero. Psicologia.

## Abstract

*Expressions of sexuality: study based on the construction of masculinity in high school students*

We analyzed the way in which the construction of masculinity relates to social practices in the exercise of sexuality, through the speech of teenage students. In the Study 20 students participated (age: 14 and 17 years old), from public school (country town-São Paulo). The methodological procedures chosen were: 1) initial meeting for presentation of small cutouts from the movie “Troy”, discussion about masculinities (expressions of sexuality) and questionnaire; 2) selection of the students with the highest number of affirmative responses (gender) and tab of the data (questionnaire); 3) non-standard interview in online environment. The data obtained were submitted to Content Analysis (Bardin). The analytical basis of discussions has based itself on the theory of social representations and in the recent review of the literature. In the results, were identified the categories: gender roles, health-body-sexuality and relationships as expressions of social representations of the participants from the study, these being related to the meanings that permeate the notions of masculinity and the possible impacts on the experience of sexuality. Thus, this study considers that, after the fulfillment of the analysis, it became apparent the need to improve the way of forwarding policies focusing on sex education in schools, from the reception of the demonstrations originated in the context of life trajectories of high school students.

**Keywords:** Masculinity. Sexuality. Teenager. Gender. Psychology.

